

# Arte e relações habituais: aprender a agir

*Art and usual acquaintances:  
learning to act*

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ\*

Enviado a 15 de março de 2017 e aprovado a 17 de março de 2017

\*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Croma*.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA).  
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: j.queiroz@belasartes.ulisboa.pt

**Resumo:** As relações que os artistas estabelecem sobre os objetos comuns instalam um paradigma aderente de apropriação, de resignificação, de deslocamento. Intervenções de artistas, documentadas em muitos dos artigos do número 19 da Revista Estúdio, interpelam através de uma economia simbólica, alternativa ao circuito dos objetos. A descontextualização e recontextualização opera-se na câmara branca, no dispositivo modernista. O "Cubo" digere lentamente a sua dissolução crítica através de instalações multiformes. A processamento é lento.

**Palavras chave:** arte / retórica / relação / Revista Estúdio 19.

**Abstract:** *The relationships that artists establish on common objects set an adherent paradigm of appropriation. Interventions by artists, documented in many of the articles of the issue 19 number Revista Estúdio Journal, challenge through an alternative symbolic economy, alternative to the circuit of the objects. Reframing operates in the white Chamber, the modernist device. The "cube" digests slowly its critical dissolution through diverse installations. This processing is taking its time.*

**Keywords:** *art / rhetorics / relationships / Revista Estúdio 19.*

A ação é simples: intervir através de objetos que normalmente não prestamos atenção. As relações que os artistas sobre eles estabelecem podem parecer algo mediúnicas ao mesmo tempo que se instala um paradigma de apropriação, de resinificação, de deslocamento. Intervenções de artistas, documentadas em muitos dos artigos deste número da Revista Estúdio, interpelam através de uma economia simbólica, alternativa ao circuito dos objetos, que advém da inversão dos valores das coisas de consumo. A descontextualização e recontextualização opera-se na câmara branca, no dispositivo modernista. O “Cubo” digere lentamente a sua dissolução crítica (O’Doherty, 2002) através de instalações multiformes. A processamento é verdade que é lento, majestoso: não se digere a grande arte de modo rápido.

É esta a apropriação de vestígios, entulhos, restos industriais e comerciais, *ready-mades*, matérias-primas, extensões materiais e conceptuais de redes conectivas. Demorada: recorda-se a intervenção pioneira das colagens cubistas, das assemblages e instalações de Duchamp, das justaposições Fluxus, das apropriações POP, das conexões sistemáticas da Arte Povera, da Arte conceptual e de um contemporâneo mais pós-conceptual, das derivas net art, *glitch* art, vídeo arte, todas esta a encerrarem uma atitude de deslocamento - agindo no eixo paradigmático, associativo, metafórico, para usar a terminologia estruturalista.

Falamos dos posicionamentos retóricos que relacionam as matérias e os sentidos. A coisa aqui parece ser mais simples: joga-se nos objetos contaminados por investimento cultural. A infraestrutura marxista assentará, na arte, na superestrutura para uma nova relação de produção que parece ser onde a arte gosta de se jogar (Martins & Almeida, 2013). Os significados dos objetos são os significantes da arte, não para uma deriva retórica, mas para um “ataque retórico” que se encarna nas últimas décadas e que parece estar cada vez mais adoptado como estratégia de construção de sentido.

Estas matérias são reflectidas nos artigos aqui reunidos. A secção editorial deste número 19 da revista Estúdio apresenta um artigo de Paula Almozara (São Paulo, Brasil), par académico da revista. O seu texto “Arquivos da Destruição”: experiências e invenções sobre a paisagem a partir da obra de Glayson Arcanjo” introduz as exposições de Arcanjo nos Museus de Arte da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade Estadual de Minas Gerais. As paredes de edifícios em fim de vida, em trânsito de demolição, são tanto suporte para uma espécie de *grafitti* ora destinado a desaparecer, ora destinado a ser representado ele mesmo, em ‘mise en abyme’ nas paredes do museu, agora representando-se ‘vistas’ das casas em risco. O trânsito dos significantes circula em níveis de significação sucessivos.

Na secção de artigos a concurso reúnem-se 13 artigos originais.

David Serrano (Sevilha, Espanha) no artigo "La condición humana-animal en la obra de Idaira del Castillo" discute os aspetos da obra de Idaira del Castillo (n. 1985) expostas na exposição 'Miradas' na galeria Manuel Ojeda (Gran Canaria), onde as miniaturas convivem com grandes desenhos parietais onde animais povoam sonhos de humanos: os mastins, as piranhas, os antílopes, numa atualização do que seria uma nova e oportuna arca de noé. África é salva das águas continuamente no mediterrâneo, entre crianças e sonhos.

O artigo "Nicola Constantino em diálogo com os Grandes Mestres" de Cristina Susigan (São Paulo, Brasil) aborda a obra da argentina Nicola Constantino (n. 1964) que através de moldagens detalhadas em escala real reproduz, nos seus "artefacta", a si mesma, em situações de transição corporal (a maternidade). Toma-se o corpo feminino como veículo de autorrepresentação numa associação plena de alusões a interiores do século XVII da arte ocidental.

O artigo de Luís Herberto (Portugal) "Barahona Possollo: a contradição do soft-porn" apresenta a serie "all we can eat" em pintura a óleo sobre tela, de técnica pictórica irrepreensível, de realismo intenso, verosímil (mais verosímil que a fotografia) tornando o espectador cúmplice da fantasia sexual detalhada em pormenor: o nosso olhar constrói um erotismo em alta definição, como que suspenso das lógicas imobilistas do "grand goût" académico a par com a sua impossibilidade de o integrar, atualizando as discussões sobre a temática sexual, queer, ou de género identitário.

Zalinda Cartaxo (Rio de Janeiro, Brasil) no artigo "Entre-lugares: as Pinturas Secas de Luiz Monken" apresenta os desenhos queimados de Monken ("pinturas secas") onde a ausência de tintas convida o espectador a partilhar os novos lugares da materialidade dramática.

O artigo de M. Montserrat López (Barcelona, Espanha) "Construcciones y performances: las prendas de Alicia Framis" aborda a obra de Framis (n. 1967) onde uma perspetiva colaborativa da arte (Ardenne, 1999; Bourriaud, 2001) é explorada através de performances com vestuários políticos (as roupas "Anti-dog") fazendo-nos recordar algumas propostas dos anos 60 de Lygia Clark (Brasil).

Jordi Morell (Barcelona, Espanha) no artigo "Pedres (sílex), blau de Prússia i pintura de marcatge: revisant l'obra recent d'Òscar Padilla" toma a obra deste autor (n. 1977) em que a pintura dialoga com toda uma conceptualidade que a transcende, concentrada numa essencialidade expandida (Fernandez Fariña, 2010) onde a pintura parece constantemente querer deixar de o ser.

O artigo de Yassine Chouati (Marrocos) & Áurea Muñoz (Sevilha, Espanha)

“Partir para contar: Mona Hatoum arte y denuncia sociopolítica” apresenta a obra da artista libanesa Mona Hatoum (n. Beirute, 1952) que introduz o tema da identidade complexa dos expatriados, onde os terrenos de exílio adquirem novos sentidos, dificuldades e pesos.

Ventura Alejandro Pérez (Pontevedra, Espanha) no artigo «La invención del mundo en la obra de Victoria Iranzo» apresenta uma obra de Iranzu (n. 1989) que mistura a pequena miniatura com a representação mimética. A invenção do mundo, cena de uma cozinha onde um prato se partiu, que em perspetiva um pouco mais alargada se denuncia como uma maquete representada em pintura: um meta-mapa, como um conceito urbano pleno de mundividências.

O artigo de Elena Mendizabal (País Basco, Espanha) “Elena Aitzkoa. Paisaje de amor” introduz as esculturas da Elena Aitzkoa Reinoso (n. 1984) artista multidisciplinar. As acumulações de objetos quase identificáveis, familiares e estranhos em simultâneo, todos eles transportáveis ao nível dos braços, portanto objetos humanos.

Yolanda Ríos (Vigo, Espanha) apresenta o artigo “Habitar la imagen: El concepto de utopía y realidad en la obra de Sofía Jack”. Desta artista (n. 1969) são estudados os trabalhos “Casa B-300” (2006) y “Todo lo sólido se desvanece en el aire” (2011). Partindo de fotografias da arquitectura modernista são produzidas animações, vídeos e desenhos que interrogam a utopia da funcionalidade.

O artigo de Simón Arrebola (Sevilha, Espanha), “La presencia de la memoria en la obra gráfica de José Manuel Martínez Bellido”, apresenta a obra meta-fotográfica deste autor, baseado em imagens intervencionadas onde se adivinha a omissão, o registo e o seu apagamento. Os desenhos-marcas são comentados na forma de possíveis perguntas sobre os indivíduos, “inquisições”.

O artigo de Miguel Rodrigues, de Portugal, sugeriu-nos a escolha da capa deste número da revista *Estúdio*. Em “José Luís Neto: a duração na Fotografia” aborda-se a revisitação do fotógrafo José Luís Neto (n. 1966) às imagens que Joshua Benoliel capta na penitenciária de Lisboa, no começo do século XX (1913, uma sessão oficial na penitenciária, com os presos, sobre a abolição do capuz, antes introduzido em 1884). A ampliação de cada um destes rostos ainda tapados chama de longe a utopia de uma sociedade funcionalista e panóptica, devolvendo-nos um registo de atualidade profunda inquietante.

O artigo de Roseli Nery (Rio Grande, Brasil) “Arquiteturas íntimas de Gê Orthof” debruça-se sobre a obra de Gê Orthof (n. Petropolis, Brasil, 1959) que convoca as miniaturas quotidianas (alfinetes, baldes, dispositivos coloridos), para os reorganizar no espaço criando novas relações, inúteis e interpeladoras.

Em “Planos em diálogo: sobre um livro de artista de Fernando Augusto,”

Cláudia França (Espírito Santo, Brasil) aborda um livro de artista de 2008 produzido pelo autor brasileiro Fernando Augusto. O livro é um conjunto de interferências realizadas sobre um outro livro de 2000, sobre trabalhos artísticos de Amílcar de Castro. Uma espécie de concretização da citação através do seu apagamento, obliteração, interferência, que produz um discurso alternativo de essencialidade metalinguística e dialógica.

No panorama geral, as coisas são chamadas ao centro (Meana, 2001). Colocadas como novos centros por descentramentos sistemáticos os discursos são evidenciados e instituem-se como planos de expressão: as leituras serão metalinguísticas e exigem cada vez mais participação do espectador (Pilar, 1999).

O resultado pode ser ambivalente: mais significado, mais resistência, mais aderência a um pensamento crítico, ou o seu oposto, mais significado, mais aderência a uma incorporação dominante e acrítica. Neste ponto parece arriscado vaticinar se a deriva é totalmente orientada pelo reforço de um sistema de validação, ou se é geradora de verdadeiras novas perspectivas sobre o mais difícil, o humano.

## Referências

- Ardenne, Paul (2006) *Un arte contextual: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación*. Murcia: Cendeac.
- Bourriaud, Nicolas (2001) *Esthétique relationnelle*. Paris: Les presses de réel, 2001
- Fernández, Almudena (2010) *Lo que la pintura no es: la lógica de la negación como afirmación del campo expandido en la pintura*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra. ISBN: 978-84-8457-356-2.
- Martins, C. S., & Almeida, C. (2013). *Que sentido para a investigação em educação artística senão como prática política?*. *Educação, Sociedade & Culturas*, (40).
- Meana, J. C. (2001). *El espacio entre las cosas, Arte y Estética*. Diputación de Pontevedra.
- O'Doherty, Bryan (2002) *No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. Trad. Carlos Rosa. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 85-336-1686-4
- Pillar, Analice Dutra (1999). "Leitura e releitura." *A educação do olhar no ensino das artes*, 3, 9-22.